

## “Meus filhos hoje têm um semiárido diferente”



Meu nome é Jaimilson Rodrigues de Oliveira, tenho 32 anos e nasci aqui. Sou de uma família de quatro irmãos e sempre trabalhamos com a terra. Meu pai nasceu aqui, o lugar em que moro é onde meu avô morava e foi herança do meu pai. Eu nunca vivi em outro lugar, minha esposa também é da comunidade. Nós casamos há nove anos e temos duas filhas: Milene, de 9 anos e Priscila, de 1 e 10 meses.

O P1+2 ( Programa Um Terra e Duas Águas) chegou em 2008, com a água pra gente produzir, em 2004 já tinha chegado o P1MC (Programa Um Milhão de Cisternas), que foi a água de consumo. Aqui foi o projeto piloto de cisternas e barragens, eram 13 cisternas-calçadão pros municípios, 7 ficaram na nossa comunidade e 6 em outra comunidade.

Também teve uma barragem subterrânea, que fui contemplado. Na comunidade foram construídos 2 tanques de pedra comunitária, que ficam para o uso de dez famílias.

Água aqui era bem complicado. Eu tinha 2 poços artesanais, um deles a água tinha um gosto ruim e o cheiro diferente e não gostava de usar nem para os animais e o outro é de água mais salgada. O pessoal aqui usava cacimba, punhava água na cabeça. A gente já chegou até pegar água a 10 km de distância, em carro de boi, nessa dificuldade. Principalmente em tempo de estiagem, o que mais via por ai era gente com tambor e lata d'água na cabeça pra cima e pra baixo. Hoje não tem isso, eu, todo mundo, tem uma cisterna de consumo humano.



Depois, junto com os programas( P1+2 e P1MC), veio também às informações, a conscientização. A partir disso o pessoal começou a despertar. Hoje já têm muitos tanques, arreios-trincheira, cisternas, o pessoal aprendeu que era bom e multiplicou.

Esses últimos 6 meses pra mim foi a maior seca que eu já vi, no ano passado teve 23 dias de chuva e ninguém passou tanta falta de água como passava lá atrás, quando eu era criança. A gente sentia muito mais a falta de água, mesmo chovendo mais do que hoje, porque o pessoal já tá mais preparado, já tem uma condição melhor de armazenar água. A falta de informação deixava as pessoas deixar a água ir embora, não sabiam armazenar. Chegava o tempo de estiagem, de setembro até novembro, e era doído.



No P1+2 tinham dois cursos, antes de receber a tecnologia e depois que você recebe, com instruções de como plantar, de como cuidar do benefício que você recebeu, de como conviver com a seca. Era muito rico, eu aprendi muita coisa. Se tem uma coisa que a gente não percebe, mas que é muito valioso na nossa vida, é a informação. Se eu recebesse uma cisterna sem informação não serviria muito porque não iria saber usar.

Por aqui mudou muita coisa. Antes eu trabalhava muito com os braços, plantava feijão, milho, tinha uma vaquinha ou outra e ficava por isso. Meu pai saía muito pra São Paulo quando apertava. Hoje eu comecei a ver novos caminhos, eu planto, tenho minha vaquinha - não deixei de criar - mas tenho ovelha, porco, já faço horta, crio abelha. Já tenho outras fontes de renda que eu não tinha antes, que era só a roça e a vaca.

Meus filhos hoje têm um semiárido diferente. Hoje eu tenho oportunidades que meu pai não tinha, ele se virava por ele ou ia pra São Paulo. Hoje temos apoio de alguns programas sociais, governo nenhum olhava pra cá. Posso oferecer coisas que meu pai não pode, na época do meu pai até almoçar carne era raro.

